

BATA DAVALHA SOARES



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

PARA OS MEUS PAIS.
PARA A GISELA, COMO SEMPRE.

Inferimos das nossas consciências individuais que outras pessoas, com comportamentos semelhantes aos nossos, são agentes livres e inteligentes, tal como nós. A mesma lógica aplica-se aos animais, cujas manifestações de alegria, tristeza, esperança, medo, desejo, amor, ódio e outras emoções, análogas às que passam pelas nossas mentes, provam que dentro deles existe um princípio espiritual que não difere essencialmente da alma humana.

E. P. EVANS,

*The Criminal Prosecution and Capital Punishment of Animals:
The Lost History of Europe's Animal Trials*

Nesse caso, os animais seriam uma espécie de homens e os homens uma espécie de animais, proposições que são incompatíveis com os ensinamentos da religião.

PÈRE BOUGEANT,

Amusement Philosophique sur le Language des Bestes

Porque o destino dos homens e o destino dos animais é o mesmo; um mesmo fim os espera. A morte de uns é a morte dos outros. A ambos foi dado o mesmo sopro e os homens não têm nenhuma vantagem sobre os animais: tudo é vaidade.

Ecclesiastes, 3:19

Todos nós somos animais imaginários...

DOMINGO D'YBARRONDO,

Bestiario Dell'Anima

I

A RATAZANA

Do mundo, mais tudo aquilo a que podemos chamar de Céus, e que formam a câmara que encerra todas as coisas, temos de admitir que consiste numa divindade: eterna, sem limites, nem criada nem sujeita, em tempo algum, à destruição. Inquirir o que está para além dela não é uma preocupação do homem; nem a mente humana é capaz de conjecturar sobre isso.

PLÍNIO, O VELHO,
Naturalis Historia





um

*O queixume entre as ervas · Como são grandes os corações pequenos ·
Uma vela na chuva · Gratidão*

Foi num dia nem muito curto nem muito comprido que Brancaflor e Calcaterra descobriram uma coisa estranha num sítio familiar.

As tardes já definhavam depressa e Brancaflor, cheia da única barrigada que vazaria nesse ano, sentia-se sem paciência para sair do buraco. *A terra é tão fofa*, dizia a Calcaterra, enovelando-se contra ele, dentro do refúgio raso que ambos haviam escavado num rego rente à estrada. *Cheira a nós*, dizia. *É nossa*. Calcaterra ficava quieto, deixando que Brancaflor se aninhasse; e, de olhos fechados, era preenchido por um amor profundo — mais profundo que o ninho: um sentimento delicado como uma das folhas que usavam para marcar os trilhos de volta para a toca. O rato tinha medo de ferir o amor, por isso namorava sossegadinho, sentindo o calor da companheira e as inquietações íntimas dos filhos dentro dela. Para impugnar a indolência, Calcaterra impelia Brancaflor a emergir e a revistar a redondez com ele em busca de comida. Quando fazia calor dormiam de dia, mas durante aquela estação fria dormiam de noite, por isso foi num final de tarde, quando regressavam de uma pequena jornada, que Brancaflor ouviu um queixume, algures entre as ervas. Um queixume que parecia ser de rato.

Arrebitando as orelhas pequeninas, pequeninas como mi-

galhas, Brancaflor e Calcaterra seguiram o som e acharam uma criatura censurável caída no chão.

Cheira mal, disse Calcaterra, arregaçando as narinas.

Parece um rato, disse Brancaflor, esticando o pescoço.

Tinham encontrado um pequeno animal de pêlo sujo; parecia-se com eles, mas se fosse um rato, era muito diferente daqueles que conheciam.

É um ratinho, disse Brancaflor, aproximando-se devagar. *Um bebé.*

Desconfiado, Calcaterra espreitou por cima do costado da companheira, mas não disse nada. Brancaflor atreveu-se a tocar na criatura e chiou.

Está tão frio, disse, com aflição.

Cheira muito mal, disse Calcaterra, afastando-se. *Anda*, acrescentou, *faz-se noite.*

Vamos deixá-lo?, perguntou Brancaflor, apertando as mãos contra o peito.

Não é um rato, disse Calcaterra, virando o focinho para trás. Olhou de través para o corpito que carpia, caído na terra. *É cocó.*

Brancaflor abanou a cabeça.

Reuniu um punhado de folhas mortas e cobriu o bizarro bebé que parecia e não parecia ser um rato.

Nesse instante, o dia desfaleceu e a as ervas em redor ganharam uma tonalidade trigueira que, para os seus olhos, tinha a cor severa dos mirtilos. O mundo dos ratos é matizado de tons ríspidos e talvez seja essa a razão pela qual se comportam com escrupulosidade excessiva: para lhe emprestar afecto, para lhe dar doçura. No momento em que pousou as mãos sobre as folhas manchadas de bolor que cobriam o corpo resfriado do imundo bicharoco — que, como Calcaterra dissera, parecia mesmo cocó —, Brancaflor sentiu uma emoção, pesada como uma pena, a pousar-lhe no coração. E esse órgão secreto, que também não era maior que uma migalha (não era, de certeza, maior que uma semente) agiu como uma faúlha e queimou-a por dentro, tal como a mais pequena faísca incendeia um campo, mas deixando-lhe os olhos cheios de lágrimas, em vez de cinzas.

Vem, chamou Calcaterra, oculto pela erva. Brancaflor se-

guiu veloz a voz, deixando para trás um coração ainda mais ínfimo que o seu.

Abandonando um coração quase parado — quase tão imóvel quanto as pedras que prometiam vir a ser sua sepultura descoberta.

* * *

Não era como nós, disse Calcaterra, enquanto lambia o pêlo de Brancaflor. Tinham-se recostado no fundo do ninho para evitar o ar frio que entrava pelo buraco. *Entendes?*

A rata não respondeu. De olhos fechados, tremia. Mas não de frio. De remorsos.

Cada bicho junta-se com os da sua laia, continuou Calcaterra. *As minhocas com as minhocas*. Lembrara-se delas, porque as ouvia a roer a terra. *Os pássaros com os pássaros...* Suspirou. *E os ratos com os ratos*.

Era um ratinho, disse Brancaflor, em voz baixa, sem abrir os olhos.

Talvez fosse, disse Calcaterra, imperturbável. *Mas não era como nós*. Com o focinho, acariciou o ventre da companheira. *Não era como estes que tu trazes. Estes é que são como nós*.

Brancaflor não disse nada.

Não estás feliz?, perguntou Calcaterra, taciturno.

Estou, disse Brancaflor. *Estou feliz*. O ar frio arreprou-lhe o pêlo e ela encolheu-se de encontro ao companheiro. Ficaram em silêncio, sossegados como era seu hábito, mas passados uns instantes ouviram a erva a ser amassada.

Chovia.

Adoro o cheiro da terra molhada, disse Calcaterra, ouvindo a bátega a bater, como se fossem bandos de pássaros sacudindo as asas; satisfeito, virou a cabeça para a entrada da galeria e inspirou fundo. Uma irrupção de ar frio invadiu com violência o compartimento e silvou como uma serpente. Brancaflor gemeu. Chorava. Condoído, Calcaterra afagou-a e disse-lhe que a noite não tinha nada que o dia também não tivesse.

Pois não, disse ela, chorando. *Tem tudo aquilo que vimos durante o dia*.

Tudo, concordou Calcaterra.
Também tem o ratinho.
Impaciente, o rato ranguu os dentes, mas a companheira não desistiu.
Vai buscá-lo, pediu Brancaflor.
Não, disse Calcaterra.
Era um ratinho, persistiu Brancaflor. *Não o deixes morrer.*
O que é que viste nele?
A chuvada ganhou intensidade. Tiritando, Brancaflor premeu as mãos sobre o peito.
Eu... Levantou a cabeça e olhou para o companheiro, mostrando-lhe o focinho deformado pela angústia. *Eu não sei...*
Calcaterra inspirou fundo. Uma aragem arrefecida que cheirava a humo.
Sem olhar para trás, correu para fora do ninho.

A violência da chuvada desordenou-lhe os sentidos.
Espevitou as orelhas, mas não distinguiu nada a não ser o ruído rixoso da precipitação.
Hesitou.
Receou não ser capaz de encontrar o caminho de volta, naquela treva turbulenta, mas a expressão dolorida de Brancaflor tinha-o inquietado e não teve coragem de desistir. Poucas vezes Calcaterra se sentira tão indefeso, cercado de escuridão e barulho. Avançou e a terra mole cedeu-lhe debaixo das patitas.
Vou afogar-me na lama, pensou. A terra da estrada vertia, empastada em chuva, para dentro da vala.
Então, quando o temor de ser empurrado por esse fluxo quase paralisou o rato, um cheiro molesto chegou-lhe ao nariz. Calcaterra virou-se na direcção dele e seguiu-o como se o fedor fosse uma luz na noite: uma mísera luzinha, fosca, entre os vigorosos cordões de água que estoqueavam a terra. Ofegando, regelado e mal conseguindo abrir os olhos, o rato entregou-se com confiança ao olfacto e encontrou aquilo que procurava.
O ratinho bebé.
A chuva acarretara as folhas com que Brancaflor o protege-

ra e caía-lhe, impiedosa, sobre o canastro debilitado. Calcatera aproximou-se e pressionou as mãos contra o peito. Tinha-o descoberto graças ao mau cheiro: verdadeira vela acesa que, por mais fraca que fosse, brilhava com maior intensidade, quanto mais tenebrosa a escuridão circundante.

Cocó desgraçado, pensou, pousando-lhe as mãos no pêlo.

O animal não se moveu. Parecia morto. Calcatera virou-o de ventre para cima e pousou a cabeça no peito. Demorou uns instantes até distinguir o insignificante bater do coração, mas quando o escutou, agarrou o bebé pelo cachaço e correu de volta para o ninho.

«*Tirei-o das águas.*»

Regressou ao interior da terra e Brancaflor ajudou-o a deitar o corpo inerte do bebé no ninho feito para os filhotes deles. Bafejaram para aquecê-lo e, pacientes, esperaram por uma reacção. Brancaflor agarrou com tanta brandura na minguada mão do ratinho que mais valia dizer que não lhe tinha tocado. Observou os dedinhos minúsculos e suspirou. *São como os nossos*, disse ao companheiro. *São perfeitos.*

Olha, disse Calcatera, sem saber explicar aquilo que estava a sentir.

O ratinho abriu os olhos.

Os seus dedinhos tentaram apertar a mão de Brancaflor.

A rata olhou para o rato e ele nunca a vira tão graciosa.

Tão grata.

dois

*Esperança · A cama de flores · Caganeta ·
Sonhos de um rato do campo · Toda a tristeza do mundo ·
O cheiro favorito*

Com o parto a aproximar-se, Brancaflor não saía do ninho. Calcaterra recostava-se com maviosidade à sua barriga para sentir os filhotes a mover-se e ambos trocavam carícias, antecipando o momento dos fetos, muitíssimo desejados, saírem à luz. Enquanto não nasciam, Brancaflor mimava o bebé adoptado. Ainda não tinha nome. Do mesmo modo que outros animais, os ratos só nominavam os filhos depois de os conhecerem e, mesmo assim, os nomes eram mais práticos que identificativos, já que os cheiros eram, de facto, os seus verdadeiros nomes.

O ratinho estranho encontrava-se reabilitado das asperezas por que passara; e se a sua origem era um mistério, não deixava de ser uma presença que causava grande alegria à mãe que o perfilhara. Suspeitoso, Calcaterra não se sentia à vontade para devotar-lhe atenção, mormente quando a companheira dormia e a criaturinha, desperta, precisava de cuidados; todavia, reservava para Brancaflor a tarefa de lavar-lhe o pêlo, porque o fedor do ratinho o incomodava. Aparentemente, o bicho esquisito comportava-se como um comum rato bebé, mas quem poderia adivinhar naquilo que se tornaria quando crescesse.

Um dia, quando Brancaflor e o bebé ainda dormiam, Calcaterra saiu da toca, alumiado por um anseio especial. O Sol ainda não ascendera e a luz rosada da manhã transformava em ouro a

vegetação que circundava o buraco dos murídeos, mas para os olhos de Calcaterra, as ervas, fossem altas ou baixas, eram sempre douradas. O tom dos troncos das árvores eram mais parecidos com a cor celeste do céu crepuscular do que com o matiz marrom da terra que, para Calcaterra, era análoga à noite, mas com flores em vez de estrelas — um reflexo táctil do firmamento, onde ratinhos corriam fugazes como cometas.

Humentes, as folhas respingavam-lhe o pêlo com orvalhada, que, para os ratos, era o leite das plantas. Subindo por um caule mais resistente, Calcaterra observou o terreno para certificar-se de que ia na direcção certa e descobriu, agarrada a uma folha, mesmo à frente do seu nariz, uma coisa branca que tremelicava com a brisa.

Era uma aranha bebé.

Uma aranha bebé, quase vaporosa.

Calcaterra olhou-a com simpatia. Sabia que era daquela maneira que as aranhas iniciavam as vidas delas: quando se tornavam demasiado grandes para andarem às costas das mães, subiam aos sítios mais altos que eram capazes de encontrar e expulsavam um grande fio de seda. Então, esperavam que o fio encontrasse o vento, ou que o vento encontrasse o fio (que era como os ratos supunham que as aranhas gostavam de pensar), e deixavam-se ir, que nem matéria morta, sem terem ideia nenhuma para onde. Foi nesse momento, pensando na barriga cheia de Brancaflor, que Calcaterra, enrolando a cauda no caule, teve uma ideia.

Achou que todos os bichos, pequenos e grandes, eram como as aranhas bebés.

Todos espalhados pelo mundo, sem terem ideia nenhuma de como foram parar aos seus sítios. Não tinham sido levados pelo vento, mas pelos encontros dos seus progenitores; só que esses encontros, infelizmente, nem sempre eram felizes. Ora, tudo o que os diferentes bichos podiam fazer era esperar que os seus encontros, tal como o vento das aranhas, levassem os filhos a bons lugares. Mas o vento era apenas vento e seria tão inútil amaldiçoá-lo por ter atirado um bicho para um mau sítio, como laudá-lo por ter conduzido outro a um bom sítio...

O meu ninho é um bom sítio, pensou. Os bebés vão ser felizes.

Calcaterra fechou os olhos devagar e saboreou o instante. Entredito com o pensamento, não viu a aranha partir. Quando abriu os olhos, viu a folha abanar sozinha.

Boa viagem, pensou, olhando em volta. Depois desceu e continuou o seu caminho.

Apressou-se, pois queria regressar antes da companheira acordar; cuidava que esse dia seria o do parto e iria preparar-lhe uma surpresa. Correu até chegar a um local onde cresciam amores-perfeitos, que era a flor favorita de Brancaflor, e trepando pelos caules foi ratando uma a uma até compor um pequeno ramalhe de corolas coloridas. Empenhando-se em agarrar todas com a boca, correu cheio de cautela para a toca, não fosse ferir as flores.

Brancaflor e o bebé ainda dormiam e Calcaterra dispersou com delicadeza os diademas à volta deles; quando a rata acordou e viu as flores recedentes comprazeu-se e beijou o companheiro. A meio da tarde, os pequeninos nasceram.

Desembaraçada, Brancaflor agarrou no primeiro recém-nascido e lavou-o com a língua: era um ser quase transitório entre o etéreo e o carnal, desprovido de sentidos e pelado. Antes que o segundo bebé nascesse, a mãe comeu o cordão umbilical e a placenta do primogénito. Nunca dera à luz, mas sabia que era aquilo que tinha que fazer. Depôs o filhote sobre uma corola de amor-perfeito e o ratinho encheu os pulmões com perfume nectarífero. Calcaterra e o bebé feio observavam, à distância, enquanto a companheira paria.

Reunindo cinco recém-nascidos, a puérpera excitada cobriu-os de beijos. Calcaterra aproximou-se com formalismo para dar um beijo a Brancaflor, mas esta sentiu que o ventre ainda tinha mais um bebé para oferecer: afastou o rato e auxiliou o sexto filho a sair. Era um ratinho muito pequeno que parecia feito com as sobras da carne que servira para fazer os irmãos. Com zelo redobrado, a rata lavou-o e pousou-o sobre uma das flores fofas.

Vem, disse ela ao perfilhado. *Vem conhecer os teus irmãos.*

Não, disse Calcaterra, colocando-se à frente dele. Brancaflor mostrou uma expressão doce ao companheiro.

Está tudo bem, insistiu ela. Estava cansada, mas feliz.

O ratinho feio aproximou-se e cheirou os recém-nascidos. Olhou para a mãe e baixou a cabeça.

Não tenhas medo, disse Brancaflor. *És o mais velho e gosto muito de ti.*

O ratinho feio demorou-se a cheirar o sexto irmão; parecia afeiçoar-se mais a ele do que aos outros, mas Calcaterra puxou-o para trás antes que criasse uma ligação mais profunda.

Tens de descansar, disse à companheira, olhando com desconfiança para o adoptado.

Não podes ser assim com ele, disse Brancaflor, arrumando o ninho. *É nosso filho.*

Calcaterra não respondeu.

É altura de lhe darmos um nome, sugeriu Brancaflor.

O rato lambeu os bigodes, fingindo que não a ouvia.

Tens alguma ideia?, perguntou Brancaflor, acomodando os filhotes. Calcaterra olhou com sobrançeria para o adoptado. Sentindo a reprovação, o ratinho encavacado baixou a cabeça.

Acho... O rato rangeu os dentes. *Acho que Caganeta é um bom nome.*

Brancaflor abanou a cabeça e suspirou.

A vida não é sobre nomes..., disse ela. *Caganeta, será.* Viu-se para o ratinho feio e chamou-o. *Deita-te, querido. Ao pé dos teus irmãos.*

Ele gosta do nome, disse Calcaterra, com algum embaraço.

Poderá chegar um tempo em que ele queira outro, comentou Brancaflor, deitando-se ao lado dos filhotes. *E poderá ser que, nessa altura, ele o escolha.*

Calcaterra abanou a cabeça e aninhou-se à borda do ninho.

Ainda que fosse uma ninhada tardia, Brancaflor não perdeu a esperança que os seis filhotes sobrevivessem ao frio. No amparo aconchegante do ninho, dando-lhes a beber o seu leite quente, a mãe rata aprendeu a conhecê-los pelos cheiros e pelas vozes. Só a sexta cria, que nascera cega de um olho, tinha nome: Malapata.

Tal como a Natureza o produzira, Malapata era magrizona e ainda mais pequeno que os irmãos. Sem força para contender com eles, criara uma acidental aliança com Caganeta que, sendo mais corpulento, empurrava os colaços de maneira a liberar um mamilo onde o zarolho pudesse mamar. A Calcaterra não era indiferente a constatação de que Caganeta, que já falava, engrandecia mais depressa que os outros; e enquanto o adoptado dormia, o rato observava-lhe o feitio com curiosidade. Achava-o grosseiro, mas a forma como se afeava não lhe indicava como iria desenvolver-se. O pêlo céreo não se assemelhava à pelugem dos recém-nascidos, tão suave como a felpa das frutas, e no dorso, delongado como um galho, brotava uma bossa. Os olhos eram pretos como passas e só as orelhas se mantinham miúdas — enfezadas naquele corpo crescido, como cogumelos entalados entre raízes.

Nos últimos dias, Calcaterra passava as manhãs de atalaia, junto à estrada, para resgatar preciosos pedaços de comida que os homens deixavam cair quando viajavam. Muitas vezes, ouvia as bestas muares murmurarem, enquanto puxavam as carroças, e especulava sobre o que diziam. Pensava que elas protestavam pelo peso das cargas, contudo os olhos delas não transmitiam nenhuma revolta, nenhum rancor, mas uma mansidão que o rato só vira nos moribundos. Em certos dias, quando os homens iam aos pares e falavam mais alto, ele achava que compreendia as conversas, mas os homens passavam depressa e as palavras caíam mudas ao chão.

Muitos pensamentos tinha Calcaterra na sua pequenina cabeça; tão pequena que era quase invisível do ponto de vista de um homem ou de um cavalo.

Qual seria a diferença entre os sonhos de um rato, que anda pelo chão, e os sonhos de um homem, que anda mais perto do céu?

Com que sonhariam os homens? Seriam sonhos bonitos?

Calcaterra sonhava com cheiros: o da terra molhada, que era o preferido, mas também com o cheiro das plantas e das aves — e cada odor vinha misturado com a memória, entrelaçados numa sequência sublime que era a sua vida. E mais valiosos eram os cheiros de Brancaflor e dos bebés. O cheiro do ninho. O do amor.

Quando Calcaterra lembrava o cheiro do amor, fechava devagar os olhos e pressionava o peito com as mãos.

Já tinha visto homens a fazer o mesmo.

Não deveriam ter sonhos muito diferentes dos dele.

Numa manhã que não ia nem longa nem curta, e que nem era muito quente nem muito fria, Calcaterra atentava à estrada quando ouviu um guincho alvoroçado de Brancaflor. De imediato, correu para a toca, mas a meio do caminho parou, aterrorizado.

Um gato agachado no chão tinha uma pata enfiada dentro do ninho.

Calcaterra estremeceu. Ouviu Brancaflor guinchar e o som trespassou-lhe o coração.

Num trejeito tempestuoso, o gato puxou a pata de dentro do buraco e abocanhou uma coisa.

Mergulhou a garra na terra, mais uma vez e escarafunchou mais fundo. Desta vez, Calcaterra viu-o a roubar um dos bebês e a comê-lo.

Paralisado de terror, o rato sentiu-se como morto. Nem deu conta que Brancaflor já não guinchava.

Olhou para cima. O Sol ia no ponto mais alto do céu e resplandecia — uma luminosidade pintava o mundo com cores ambarinas. Viu duas aves a namorar, adejando como pétalas de amores-perfeitos movidas pelo vento. Olhou em frente e viu o gato, cinzento, com cauda preta e cabeça branca, a engolir mais um dos seus filhos.

Viu-o a lamber as garras e a esfregar a pata no focinho. Viu-o a cheirar o ninho com insistência e espreitar, com curiosidade, para o interior. Depois, viu-o a ir embora.

Calcaterra não se moveu.

A sua angústia era enorme.

Minúsculo no meio do mato, sentia que o vazio que o corroía era maior que a vastidão do campo — muito maior que a estrada, cujo fim e início estavam para além da sua visão. O chei-

ro dos filhos minguava no horizonte, como uma vozinha que se esgota num fôlego.

Viu o Sol a descer com lentidão. Viu as sombras a enlearem-se, translúcidas, sobre a terra e perdeu a noção de si mesmo.

Já não sei quem sou, pensou, aflito. *Serei uma pedra? Uma folha?...* E foi nesse momento carregado de desespero, em que a luz do final da tarde caía sobre ele, não como uma bênção, mas como uma lente que ampliava o seu sofrimento, que Calcaterra, pronto a pousar a cabeça no chão e tornar-se pedra ou folha, viu Brancaflor espreitar para fora da toca.

Os ratinhos correram um para o outro e permaneceram em silêncio, chorando.

Como é que estás aqui?, perguntou Calcaterra, encandeado pelo conflito de sentimentos.

Eu mostro-te, disse Brancaflor, guiando-o com ternura para dentro do ninho. Calcaterra hesitou quando sentiu o cheiro a gato, mas confiou na companheira.

Viu sangue dentro da câmara e estremeceu. Brancaflor correu para o fundo da toca e mostrou-lhe algo que ele não conseguiu ver. Aproximou-se e viu um buraco na parede. Um focinho feio veio ao seu encontro.

O que é isto?, perguntou, atónito, vendo Caganeta sair da parede.

Eu..., murmurou Caganeta. Virou-se para trás e ajudou Malapata a sair. *Eu fiz um buraco*, acrescentou, baixando a cabeça.

Calcaterra olhou estupefacto para Brancaflor.

Nunca vi um rato cavar tão depressa, disse ela, olhando com tristeza e meiguice para os sobreviventes. *Cavou com as mãos e com os dentes*.

Tenho muita pena..., disse Caganeta, arrasado. *Tenho pena que não tenhamos conseguido... Que não tenhamos conseguido viver todos... Pai...*

Com a visão ainda embaciada pelas lágrimas, Calcaterra lambeu o pêlo do filho. O pêlo áspero que cheirava mal.

Encantado, descobriu que era o seu novo cheiro favorito.

Tive uma ideia, disse aos ratos cobertos de poeira. Vamos dá-lo de comer à porca.

Achas que ela vai gostar dele?, perguntou o esbirro, recuperando o fôlego. Ela... Riu e olhou para a porca. Ela não costuma comer ratos, oh, oh, oh, oh! Estava delirante com a ideia.

Ela só costuma comer merda, disse o líder, agarrando em Calcaterra pelo cachaço.

Oh!, disse o segundo rato. Isso não sabe nada bem.

Pois não, cuspiu o líder, entre os dentes. Não sabe nada bem, mesmo, e puxou o corpo inerte do rato do campo para dentro do curral.

Seguido pelo bando, o líder dos ratos domésticos arrastou o ensanguentado Calcaterra até ao sítio em que a porca estava deitada. Esfregando os bigodes com as mãos, virou-se para ela e disse:

É um petisco para ti, Fraca-Chicha. Rolou o corpo na direção da porca, mas esta nem sequer quis cheirá-lo. Impaciente, o líder empurrou Calcaterra com força, mais uma vez, até este lhe bater no focinho.

Come-o, estúpida, ordenou o líder dos ratos domésticos, sentindo a energia do bando. Come.

Sem fazer barulho, a porca levantou a cabeça e tragou Calcaterra de uma só vez.

O bando de ratos fugiu, rindo.

Antes que desaparecessem, já a porca se tinha deitado outra vez e fechado os olhos.